

# **Violência no namoro: repercussões à saúde física, mental e no desempenho acadêmico de mulheres jovens universitárias**

**Dating violence: impacts to physical, mental health and the academic performance of young university women**

**Violencia en la relación: impactos en la salud física, mental y el rendimiento académico de las mujeres jóvenes universitarias**

**Izabela da Silva Pinheiro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1609-7778>  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
E-mail: [izabelapinheiro@edu.unirio.br](mailto:izabelapinheiro@edu.unirio.br)

**Selma Villas Boas Teixeira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8799-0243>  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
E-mail: [selma.teixeira@unirio.br](mailto:selma.teixeira@unirio.br)

## **Resumo**

Objetivos: discutir as repercussões na saúde mental, física e no desempenho acadêmico de mulheres jovens universitárias que vivenciam a violência no namoro. Metodologia: descritivo, exploratório e qualitativa. Cenário no campus de uma universidade pública no Rio de Janeiro, com mulheres jovens universitárias entre 19 e 24 anos, de julho de 2018 a fevereiro de 2019. A entrevista foi individual, com roteiro semiestruturado e técnica de análise foi a de conteúdo na modalidade temático-categorial. Resultados: A pesquisa teve a violência psicológica (82,5%) como a principal forma de violência perpetrada nos relacionamentos de namoro de mulheres jovens universitárias, seguido da violência moral, física, sexual e patrimonial. Como consequência da violência no namoro, as entrevistadas afirmaram ter experimentado tristeza, sentimentos relacionados à depressão e ansiedade, como distúrbios alimentares e de sono, afetando negativamente o desempenho acadêmico. Conclusão: Destaca-se a importância do cuidado integral às mulheres, a necessidade de capacitação dos profissionais de saúde e da sensibilização dos professores universitários, para que estejam atentos aos sinais da VPI entre os alunos.

**Palavras-chave:** Violência por parceiro íntimo; Universidades; Estudantes; Adulto jovem; Saúde mental.

## **Abstract**

Objectives: to discuss the repercussions on mental health, physical and academic performance of young university women who experience dating violence. Method: descriptive, exploratory and qualitative. Scenery on the campus of a public university in Rio de Janeiro, with young university women between 19 and 24 years old, from July 2018 to February 2019. The interview was individual, with a semi-structured script and content analysis technique in thematic mode -category. Results: The research had psychological violence (82.5%) as the main form of violence perpetrated in the dating relationships of young university women, followed by moral, physical, sexual and patrimonial violence. As a consequence of dating violence, the interviewees claimed to have experienced sadness, feelings related to depression and anxiety, such as eating and sleep disorders, negatively affecting academic performance. Conclusion: The importance of comprehensive care for women is highlighted, as well as the need to train health professionals and raise awareness among university professors, so that they are aware of the signs of IPV among students.

**Keywords:** Intimate partner violence; Universities; Students; Young adult; Mental health.

## **Resumen**

Objetivos: discutir las repercusiones en la salud mental, el rendimiento físico y académico de las jóvenes universitarias que sufren violencia en el noviazgo. Metodología: descriptiva, exploratoria y cualitativa. Escenografía en el campus de una universidad pública de Río de Janeiro, con jóvenes universitarias entre 19 y 24 años, de julio de 2018 a febrero de 2019. La entrevista fue individual, con guión semiestructurado y técnica de análisis de contenido en modalidad temática - categoría. Resultados: La investigación tuvo la violencia psicológica (82,5%) como la principal forma de violencia perpetrada en las relaciones de pareja de jóvenes universitarias, seguida de la violencia moral, física, sexual y patrimonial. Como consecuencia de la violencia en el noviazgo, los entrevistados afirmaron haber experimentado tristeza, sentimientos relacionados con la depresión y la ansiedad, como trastornos de la alimentación y del sueño, afectando negativamente el rendimiento académico.

Revista Research, Society and Development.

Normas de submissão: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/about/submissions>

Conclusión: Se destaca la importancia de la atención integral a la mujer, así como la necesidad de formar profesionales de la salud y sensibilizar a los profesores universitarios, para que sean conscientes de los signos de la VPI entre los estudiantes.

**Palabras clave:** violencia de pareja; Universidades; Estudiantes; Adulto joven; Salud mental.

## 1. Introdução

A violência por parceiro íntimo (VPI) contra a mulher é conhecida como um grave problema de saúde pública e social que atinge, principalmente, mulheres sem distinção de classes sociais, econômicas, religiosas e culturais. A Organização Mundial da Saúde [OMS] define a VPI como sendo “o comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores” (OMS, 2012).

As características da violência contra a mulher incluem a violência psicológica, que inclui as humilhações, ameaças, isolamento, entre outros; a violência moral que se define por calúnias, difamações e injúrias; violência física, que compreende qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal das mulheres; a violência sexual, por relações sexuais não desejadas, práticas sexuais não consentidas e pelo impedimento do uso de contraceptivo e do preservativo; a violência patrimonial se concretiza por roubo, danos aos bens materiais e documentos (Brasil, 2006).

No estado do Rio de Janeiro, 352 mulheres vivenciam alguma forma de violência de gênero por dia (Instituto de Segurança Pública [ISP], 2020, p.140). A violência física é a que apresenta maior índice de registro no estado, somando 33,0%, seguido da psicológica (32,3%), da moral (24,8%), sexual (5,2%) e patrimonial (4,6%) em 2019. (ISP, 2020, p.14).

Esse tipo de violência está pautado em uma construção histórica e sociocultural que se insere no campo da violência de gênero, uma vez que homens e a mulheres são definidos a partir das relações sociais, construídas no modelo patriarcal, onde o homem é o detentor do poder, perpetuando uma relação de dominação e submissão (OMS, 2012; Miller et al, 2020).

Dessa forma, o marido ou o namorado são os maiores perpetradores da VPI contra a mulher (Teixeira, 2015; Miller et al, 2020). No entanto, a VPI pode ser bidirecional, ou seja, os parceiros se agridem mutuamente tanto física quanto psicologicamente (Kamimura, Nourian, Assasnik & Franchek-Roa, 2016). Estudos na América do Norte e na Europa mostram que entre 4,2% e 46% das jovens, e entre 2,6% e 33% dos jovens sofreram violência física praticada em relacionamento de namoro (OMS, 2015).

A VPI que ocorre no casamento, muitas vezes tem seu início na adolescência e na juventude, quando as pessoas começam a estabelecer relações de intimidade. Contudo, os casais de namorados não identificam atitudes consideradas abusivas, por estar enraizado na sociedade o ideal do amor romântico e por ser imperceptível, visto que são relações sem coabitação (Guerrero, 2016; Kisa & Zeyneloglu, 2019). Situação que está ancorada nos sentimentos de insegurança, ciúmes, controle pelo corpo do outro e que terão repercussões negativas à saúde mental e física, além de deixarem traumas na vida de quem as vivencia (Goussinsky, Michael & Yassour-borochowitz, 2017).

Destaca-se que ingressar na universidade pode ser considerado um fator de risco que aumenta as chances de se vivenciar violência no namoro, pois pode mudar a dinâmica do casal, em função do homem sentir-se ameaçado pelo status acadêmico da mulher (Tsui & Santamaria, 2015). Além, de outros fatores contribuir com a VPI, tais como, a exposição a maus-tratos infantis, uso de substâncias ilícitas e o álcool, vivenciar a VPI entre os pais, exposição anterior ao abuso/vitimização, entre outros (OMS 2012; Leitão et al, 2013; Kamimura et al, 2016).

Estudo norte americano aponta que a taxa para se vivenciar a violência entre jovens universitárias varia entre 10 e 50%, chegando a atingir 16,1% na sua forma psicológica e 20,02% na física (Graham, Jensen, Givens, Bowen, & Rizo, 2019). Estudo realizado nos EUA identificou que 32,6% dos estudantes homens, já perpetraram violência em relações de namoro (Miller et al, 2020).

As repercussões desse tipo de violência afetam a saúde, especialmente a mental causando sofrimento e podendo levar ao abuso de drogas lícitas e ilícitas, distúrbios sexuais, transtorno de estresse pós-traumático, depressão e suicídio. Além de lesões corporais, gravidez indesejada, aborto, complicações ginecológicas e infecções sexualmente transmitidas (IST), entre outras (Murta et al., 2013; Pengpid & Peltze, 2020). Estudos evidenciaram que jovens universitárias que vivenciam a VPI estão propensas a desenvolverem transtornos psicológicos, além de possibilitar baixo desempenho das atividades acadêmicas (Pengpid & Peltze, 2020; Kaufman, Tsang, Sabri, Budhathoki & Campbell, 2019; Brewer & Thomas, 2019).

Esse fato exige do enfermeiro e demais profissionais de saúde, uma escuta sensível para um atendimento integral e acolhedor às mulheres jovens em situação de violência, com o propósito de prevenir consequências danosas à saúde mental, física, reprodutiva e sexual das mulheres. Ademais, a justificativa desse estudo se dá pela necessidade de aprofundamento da temática, em função da lacuna de conhecimento, como também, pela primordialidade da implementação de programas de informação e sensibilização dos estudantes universitários e docentes, a partir da compreensão dos elementos que fundamentam esse fenômeno e que desconstruam mitos, crenças e estereótipos de gênero.

Considerando o exposto, delimitou-se como objetivo discutir as repercussões na saúde mental, física e no desempenho acadêmico de mulheres jovens universitárias que vivenciam a violência no namoro.

## **2. Metodologia**

Pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa. O cenário da pesquisa foi em um dos Campus de uma universidade pública federal, localizada na zona sul do Rio de Janeiro, Brasil. Participaram (50) cinquenta mulheres jovens, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estarem regularmente matriculadas em algum curso da universidade, tivessem entre 19 e 24 anos, afirmaram se relacionar com algum parceiro (a), por seis (6) meses ou mais. Foram excluídas as mulheres que não fossem brasileiras, casadas ou residissem com o parceiro (a). Todas participaram voluntariamente, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A seleção das participantes ocorreu por conveniência, entre julho de 2018 a fevereiro de 2019. As transeuntes do campus foram abordadas, a proposta do estudo era apresentada e se a jovem atendesse aos critérios de elegibilidade, era feito o convite para participar. Em caso de aceite, era entregue o contato da pesquisadora e colaboradoras, para o agendamento da entrevista de forma que fosse garantido a privacidade e o conforto das participantes. Esse processo de captação ocorreu em locais próximos ao restaurante da universidade, no horário do almoço e jantar, nos dias de semana (2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feiras), exceto em dias de feriados.

As entrevistas ocorreram em salas de aula vazias disponibilizadas pela universidade. As participantes foram esclarecidas quanto aos objetivos, procedimentos metodológicos e questões relacionadas à pesquisa. Foram gravadas em aparelho digital de voz, com autorização prévia das entrevistadas e posteriormente, transcritas na íntegra. Tiveram duração de aproximadamente 60 minutos. A fim de garantir o anonimato, foram elaborados códigos de identificação, denominados pela letra E, seguida de numeração ordinal em ordem crescente (E1 a E50), conforme a realização das entrevistas.

A técnica para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada e individual. O roteiro de entrevista, elaborado pelo grupo de pesquisadores, com perguntas fechadas e abertas. Na primeira, eram abordadas questões relativas às características socioeconômicas e reprodutivas. Na segunda, terceira e quarta parte eram questões abertas que se referiam às informações sobre a vivência de violência no namoro. Ao finalizar a entrevista, as transcrições impressas e os áudios serão guardados por cinco anos, após isso os textos serão incinerados e os áudios apagados permanentemente.

Nos casos em que houve detecção de situação de violência, as participantes foram orientadas quanto à existência da Lei Maria da Penha (Brasil, 2006), a possibilidade de realizar a denúncia contra o (a) parceiro (a), caso desejassem e se

sentissem seguras para fazê-lo. Também foi disponibilizado o telefone da Central de Atendimento à Mulher (180) e dos Centros de Atendimento às mulheres em situação de violência existentes.

Para análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo temática (Bardin, 2016) de acordo com as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Primeiramente, foi realizada a transcrição e organização das entrevistas, o que permitiu a exploração do material e o processo de codificação, dando origem a um total de 21 unidades temáticas, que estão relacionadas ao eixo temático, que se refere à "saúde". Dessa forma foi elaborada a seguinte categoria de análise: vivências de mulheres jovens universitárias no processo de namoro.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO em junho de 2018, com parecer nº: 2.708.911

### **3. Resultados**

#### **Caracterização das participantes**

Do total de participantes (100%), dez (20%) relataram não ter vivenciado nenhum tipo de VPI em suas relações de namoro e quarenta (80%) afirmaram ter vivenciado ou perpetrado alguma forma de VPI. Desse total (80%), uma (2,5%) relatou ter perpetrado a violência contra o parceiro e nove (22,5%) delas, não tinham reconhecido a VPI durante a relação. Vale ressaltar que as participantes já não permaneciam no relacionamento abusivo, estando sozinhas ou em outros relacionamentos.

Sobre os cursos de graduação, dezesseis (40%) estavam matriculadas no curso de Enfermagem, seis (15%) em Nutrição, duas (5%) em Medicina, cinco (12,5%) em Museologia, quatro (10%) em História, três (7,5%) em Pedagogia e uma (2,5%) em Biblioteconomia, Biologia, Biomedicina e Ciências Sociais.

Quanto à composição de raça/cor, dezenove (47,5%) se autodeclararam brancas, quinze (37,5%) pardas, cinco (12,5%) pretas e uma (2,5%) amarela. Em relação à orientação sexual, dez (25%) declararam ser bissexuais, duas (5%) lésbicas e vinte e oito (70%) heterossexuais. No que tange a religião, a maioria (32,5%) declarou não ter religião, onze (27,5%) declararam serem católicas e protestantes, duas (5%) umbandistas, uma (2,5%) agnóstica, kardecista e messiânica.

#### **Formas de violência perpetradas às jovens universitárias**

Com base nas diversas formas de violência que as mulheres jovens estão propensas a vivenciar, a maioria (82,5%) das participantes, afirmou ter experienciado a violência psicológica.

“[...] ele gritou comigo, a gente estava em um shopping, [...] eu me senti muito acuada, intimidada, dele estar gritando na frente de todo mundo.” (E5)

"Ele estava sempre tentando me botar pra baixo. Me dizia que os amigos dele não gostavam de mim" (E10)

O presente estudo revelou um alto índice da violência moral, representando a segunda maior forma mais comum nos relacionamentos, tendo vinte e nove (72,5%) participantes relatado a vivência.

“Ih, muitos, muito xingamento, teve xingamento o tempo inteiro.” (E2)

“Eram muitos insultos, me chama de doida, de retardada, um monte de coisa.” (E3)

No que tange a violência física, quinze (37,5%) entrevistadas relataram ter vivenciado uma ou mais agressões,

segundo os relatos a seguir:

“Ele já me empurrou [...]” (E12)

“Ah, um dia ele bateu a minha cabeça na parede e me enforcou” (E21)

Em relação a violência sexual, foram identificadas treze (32,5%) jovens que relataram ter vivenciado essa forma de violência.

“Na época ele meio que me forçava a mandar fotos sexuais e fazer coisas que eu não queria fazer” (E47)

“Ele, aproveitou que a gente tinha bebido bastante pra fazer sexo comigo” (E7)

A violência patrimonial esteve presente no relato de duas (5%) participantes, conforme a seguir:

“Ele quebrou meu celular. Quando o dele quebrou eu dei o meu Ipod e ele nunca mais me devolveu.” (E46)

### **Repercussões à saúde mental, física e no desempenho acadêmico**

A VPI vivenciada repercutiu claramente na saúde mental nas falas das jovens entrevistadas. Os resultados apontaram que dezenove (47,5%) entrevistadas afirmaram ter experimentado tristeza e sentimentos relacionados à depressão, como consequência da VPI.

“Sobrevivi aquele horror, chorando muito. Não me dava conta (E3)

“Tive depressão e ansiedade enquanto estava nos dois relacionamentos e eu associo isso ao namoro. (E40)

A baixa autoestima também foi relatada por duas (5%) jovens:

“a minha autoestima foi muito afetada, foi uma época em que eu me achava muito burra e feia” (E9)

“eu sempre tive muita baixa autoestima, eu nunca me achei bonita, mas com os comentários dele a minha situação piorou, na época eu me achava um lixo” (E26)

A dependência emocional, também foi mencionada por quatro (10%) participantes, de acordo com os depoimentos a seguir:

“[...]eu ficava com medo de terminar e dele terminar comigo. Tinha medo de ficar sem ele, então era crise atrás de crise.” (E3)

“Não tinha coragem de terminar. Ficava pensando que eu não conseguiria viver sem ele” (E18)

O relato de dez (25%) entrevistadas evidenciou alterações no padrão de sono, conforme as falas a seguir:

“O relacionamento e a minha ansiedade está afetando o meu sono. Eu não consigo dormir. Às vezes, fico acordada de madrugada. (E12)

“Eu às vezes dormia quase o dia inteiro (E21)

Quanto à alimentação, nove (22,5%) jovens revelaram que houve alterações no padrão alimentar durante seus relacionamentos.

“Eu comecei a comer mais besteira, geralmente quando a gente brigava” (E8)

“Eu ficava sem comer ou enjoava demais. Tinha dias que quase não comia. Emagreci demais” (E24)

Os depoimentos também evidenciaram que quatro (10%) participantes desenvolveram doenças e/ou agravamento das questões de saúde, citadas como: cefaleia, emagrecimento, queda de cabelos, dermatite seborreica, gastrite nervosa, anemia, mialgia, infecção do Trato Urinário.

“Tive seborreia, queda de cabelo e as placas na cabeça, por causa do estresse.” (E3)

“No fim do relacionamento eu tive uma crise braba de gastrite, emagreci uns 5kg por causa disso.” (E37)

Quanto ao uso de álcool, quatro (10%) jovens relataram que o seu uso facilitou a perpetração da violência por seu parceiro, conforme o relato a seguir:

“Ele aproveitou que nós tínhamos bebido demais, para forçar o sexo comigo.” (E7)

No que tange às repercussões no desempenho acadêmico, seis (15%) entrevistadas apontaram baixo desempenho nas atividades diárias, como frequentar o cursinho pré-vestibular e a universidade, por conseguinte, comprometendo sua carreira e independência.

“[...] eu já cheguei a faltar várias aulas porque eu estava muito, muito triste, sem conseguir ir pro cursinho.

Chegou um período, de eu faltar semanas o curso pré-vestibular.” (E7)

“[...]eu ia nas aulas na faculdade, mas quase não prestava atenção e minhas notas desabaram. Fiquei reprovada em duas disciplinas na época” (E21)

#### **4. Discussão**

Os resultados da pesquisa mostraram que não houve diferença expressiva na vivência da violência entre jovens brancas e pretas/pardas. Quanto à orientação sexual, a maioria das entrevistadas eram heterossexuais e não possuíam religião. Portanto, no que tange às características sociodemográficas, este estudo revelou que as características das participantes são semelhantes a outros estudos (Graham et al, 2019; Lilly, Howell & Bermann, 2014).

Essa pesquisa teve a violência psicológica (82,5%) como a principal forma de violência perpetrada nos relacionamentos de namoro de mulheres jovens universitárias, seguido da violência moral, física, sexual e patrimonial. Resultado que corrobora com outros estudos com a mesma população (Kisa & Zeyneloglu, 2019; Graham et al, 2019). Essa forma de VPI, apresenta-se sutil e silenciosa, mas traz consequências catastróficas para a vida de quem as vivencia (Wolford-clevenger, Elmquist, Brem, Zapor & Stuart, 2015).

Quanto a violência moral, ressalta-se também o seu número expressivo (72,5%) encontrado neste estudo, o que

significa que as jovens universitárias estão sendo difamadas e caluniadas. Estudo realizado em Goiás corrobora com esse resultado ao mostrar que a violência moral esteve presente em 83% dos relacionamentos (Souza, Pascoaleto & Mendonça, 2018). No que tange a vivência da violência física, os dados encontrados neste estudo (37,5%) superam os resultados de uma pesquisa realizada nos EUA, onde encontraram 20,2% dessa forma de violência nas relações (Graham et al, 2019). A partir disso, podemos concluir que as jovens universitárias brasileiras estão mais expostas a violência física. Quanto a violência sexual, nosso percentual encontrado (32,5%) corrobora com os estudos de Graham et al (2019) e Kisa e Zeyneloglu (2019) que apontam a vivência da violência sexual no meio acadêmico como frequente. Sobre a violência patrimonial, destaca-se o baixo percentual encontrado nesta pesquisa, que pode ser justificado devido ao desconhecimento dessa forma de violência de gênero pela população (Pereira, Loreto, Teixeira & Sousa, 2013).

As jovens entrevistadas relataram choro constante, tristeza profunda, sofrimento, baixa autoestima e falta de concentração, fatores que caracterizam o transtorno depressivo, como repercussões negativas à saúde mental. Estudos corroboram com esses resultados, quando afirmam que as jovens que vivenciam a VPI em relações de namoro estão mais propensas a desenvolverem depressão, sintomas de ansiedade e estresse. Destaca-se que a depressão é um grave problema de saúde pública, que pode ser desencadeado pelo estresse vivenciado em relacionamentos abusivos, associada ao suicídio, baixo desempenho acadêmico, comportamento antissocial e o abuso de álcool e drogas (World Health Organization [WHO], 2017; Choi, Wong & Fong, 2017; Kaufman et al, 2019).

Os resultados revelaram que treze (32,5%) jovens universitárias vivenciaram a violência sexual. Embora algumas mulheres jovens não tivessem reconhecimento da VPI, todas relataram sintomas de estresse pós-traumático (EPT), tais como crises de pânico e insônia, que podem estar associados ao abuso sexual (De Souza, Drezett, Meirelles & Ramos, 2012). O estresse pós-traumático, é definido como um transtorno de ansiedade, que se desenvolve após um indivíduo vivenciar um evento traumático, muito comum em mulheres que vivenciaram a violência física e sexual (Pengpid & Peltze, 2020; Choi et al, 2017).

Foi notório nesse estudo, os relatos das participantes pertinentes a baixa autoestima caracterizada como uma sensação de incapacidade, falta de confiança em si, insatisfação com o corpo e a timidez. Esse sentimento contribui para a aceitação e permanência na relação abusiva, pois a mulher se sente incapaz de viver sozinha ou encontrar outro parceiro, tornando-se dependente emocionalmente de seu agressor, caracterizando-se como uma das consequências da violência psicológica no namoro. (Choi et al, 2017; Paiva, Pimentel & Moura, 2017; Wolford-clevenger et al, 2015;). Nesse contexto, o tema da VPI reacende os papéis de gênero e valores patriarcais que são perpetuados de geração em geração e contribui para a sua naturalização e a dependência emocional em seus relacionamentos amorosos (Leitão et al, 2013; OMS, 2012).

A saúde mental, muito comprometida, afetou de forma contundente a saúde física das entrevistadas, ocasionando insônia, aumento do sono, compulsão alimentar, inapetência, gastrite, e cefaleia, entre outras. Estudos confirmam a associação entre a vivência da VPI e o desenvolvimento de fatores de risco à saúde, provocando alterações no sistema endócrino e sistema imunológico, provenientes do estresse, prejudicando o bem-estar das jovens universitárias (WHO, 2017; Pengpid & Peltze, 2020; Brewer & Thomas, 2019; Kaufman et al, 2019). Outro fator de risco, é o uso de álcool e drogas conforme revelado na pesquisa. O uso dessas substâncias pelo parceiro age como facilitador da VPI (Campbell et al, 2021; Ollen, Ameral, Palm Reed & Hines, 2017).

O estudo revelou que as participantes estavam imersas no ciclo da violência, independentemente de não coabitarem com seus parceiros, considerando que as agressões foram cíclicas e contínuas, pois não tiveram um episódio único. Portanto, nesta situação deve-se considerar que essa violência que repercutiu negativamente na saúde mental e física, impactando a qualidade de vida e o desempenho acadêmico de algumas entrevistadas. Situação corroborada por um estudo realizado nos

Estados Unidos, quando evidencia que as diversas formas de VPI vivenciada pelas universitárias implicam no desempenho acadêmico (Brewer & Thomas, 2019).

Finalmente, considera-se que além dos efeitos negativos à saúde, a VPI no namoro acarreta custos financeiros à sociedade, em função da necessidade da busca aos serviços de saúde, aumento do uso de medicamentos para transtornos mentais, hospitalização, e gastos com a segurança e judiciário (Leitão et al, 2013; Choi et al, 2017).

## **5. Considerações Finais**

Os resultados do estudo evidenciaram que as entrevistadas vivenciaram todas as formas de VPI, repercutindo negativamente sobre a sua saúde, no desempenho acadêmico e vida cotidiana. Portanto, a violência contra a mulher jovem no espaço universitário, está para além das suas características sociodemográficas e educacionais, pois está sustentada em moldes patriarcais incutidos na sociedade.

Os sinais e sintomas relatados por elas, deixaram claro o comprometimento da saúde mental e física, em função do sofrimento, medo, tristeza e traumas, que vivenciaram que se manifestou por meio de dores crônicas, distúrbios gástricos, emagrecimento, distúrbios do sono e no padrão alimentar.

Ademais, os resultados estão em consonância com estudos nacionais e internacionais, nos quais mostram os efeitos das diversas formas de violência na saúde das jovens universitárias, tendo a saúde mental como a mais afetada. Essas implicações, ressaltam a importância do cuidado integral às mulheres, a necessidade de capacitação dos profissionais de saúde e da sensibilização dos professores universitários, para que estejam atentos aos sinais da VPI entre os alunos. Nesse sentido, faz-se necessário que instituições de ensino contribuam com o enfrentamento desse fenômeno por meio da divulgação de pesquisas, cartilhas e palestras que abordem a temática.

## **Limitações do estudo**

O maior limitador deste estudo foi a escassez de artigos nas bases de dados que tratem sobre a violência no namoro relacionada às repercussões à saúde e desempenho acadêmico de jovens universitários; Somado a isso, a maioria das pesquisas encontradas eram internacionais, ou seja, em língua estrangeira dificultando o entendimento de algumas discussões.

## **Contribuições do estudo para a prática**

Esse estudo contribui para a melhoria da assistência em virtude da ampliação de conhecimento entre os profissionais de saúde e da educação, oferecendo subsídios teóricos para o cuidado prestado às mulheres jovens que vivenciam a violência no namoro.

Desta forma, favorece o aprimoramento de estratégias de prevenção à violência perpetrada por parceiro íntimo no namoro com objetivo de reduzir os riscos à saúde das jovens universitárias.

## **Agradecimentos**

As autoras agradecem à Diretoria de Pesquisa (DPq) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) pela Bolsa de Iniciação Científica (IC/UNIRIO) que possibilitou a execução desse estudo.

## **Referências**



Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Brasil: Edição 70.

Brasil (2006). Ministério da Saúde. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Dispõe sobre a criação de mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Brasília (DF). [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm).

Brewer, N. Q., & Thomas, K. A. (2019). Intimate partner violence and academic performance: the role of physical, mental, behavioral, and financial health. *Social work in health care*, 58(9), 854-869. <https://doi.org/10.1080/00981389.2019.1659905>

Campbell, J. C., Sabri, B., Budhathoki, C., Kaufman, M. R., Alhusen, J., & Decker, M. R. (2021). Unwanted sexual acts among university students: Correlates of victimization and perpetration. *Journal of interpersonal violence*, 36(1-2), NP504-NP526. <https://doi.org/10.1177%2F0886260517734221>

Choi, E. P., Wong, J. Y., & Fong, D. Y. (2017). Mental health and health-related quality of life of Chinese college students who were the victims of dating violence. *Quality of life research*, 26(4), 945-957. DOI 10.1007/s11136-016-1413-4

De Souza, F. B. C., Drezett, J., de Cássia Meirelles, A., & Ramos, D. G. (2012). Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. *Reprodução & Climatério*, 27(3), 98-103. <https://doi.org/10.1016/j.recli.2013.03.002>

Goussinsky, R; Michael, K.; Yassour-borochowitz, D, 2017. Relationship Dynamics and Intimate Partner Violence Among Israeli College Students: The Moderating Effect of Communication Problems. *Journal of Interpersonal Violence*, pp 1-22. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260517724833>

Guerrero, D. C. M. (2016). *Violência no Namoro: Avaliação e as Estratégias de Enfrentamento de Vítimas e Agressores* (Doctoral dissertation, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Vitória, Brasil). [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_8741\\_disserta%E7%E3o%20completa%20Diana%20Mora.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_8741_disserta%E7%E3o%20completa%20Diana%20Mora.pdf)

Graham, L. M., Jensen, T. M., Givens, A. D., Bowen, G. L., & Rizo, C. F. (2019). Intimate partner violence among same-sex couples in college: A propensity score analysis. *Journal of interpersonal violence*, 34(8), 1583-1610. <https://doi.org/10.1177%2F0886260516651628>

Instituto De Segurança Pública. 15. ed. Rio de Janeiro: RioSegurança, 2020. 163p.:il. (Série Estudos;2). [http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp\\_imagens/uploads/DossieMulher2020.pdf](http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/DossieMulher2020.pdf)

Kaufman, M. R., Tsang, S. W., Sabri, B., Budhathoki, C., & Campbell, J. (2019). Health and academic consequences of sexual victimisation experiences among students in a university setting. *Psychology & Sexuality*, 10(1), 56-68. <https://doi.org/10.1080/19419899.2018.1552184>

Kamimura, A., Nourian, M. M., Assasnik, N. & Franchek-Roa, k. (2016) Factors associated with perpetration of intimate partner violence among college students in China. *al. Inj Prev* ; 22:352–357. doi:10.1136/injuryprev-2015-041890

Kisa, S., & Zeyneloğlu, S. (2019). Perceptions and predictors of dating violence among nursing and midwifery students. *Journal of advanced nursing*, 75(10), 2099-2109. <https://doi.org/10.1111/jan.13982>

Leitão M. N. C., Fernandes M. I. D., Fabião J. A. S. A. O., Sá M. C. G. M. A., Veríssimo C. M. F. & Dixe M. A. C. R (2013). Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - fazer diferente para fazer a diferença, Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde. ISSN 1647-9440

Lilly, M. M., Howell, K. H., & Graham-Bermann, S. (2014). World assumptions, religiosity, and PTSD in survivors of intimate partner violence. *Violence against women*, 21(1), 87-104. <https://doi.org/10.1177%2F1077801214564139>

Miller, E., Culyba, A. J., Paglisotti, T., Massof, M., Gao, Q., Ports, K. A., KatoWallace, J., Pulerwitz, J., Espelage, D. L., Abebe, K. Z. & Jones, K. A. (2020). Male adolescents' gender attitudes and violence: Implications for youth violence prevention. *American journal of preventive medicine*, 58(3), 396-406. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2019.10.009>

Murta, S. G., Santos, B. R. P. D., Nobre, L. A., Araújo, I. F. D., Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. D. O., & Franco, C. T. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24, 263-288. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>

Ollen, E. W., Ameral, V. E., Palm Reed, K., & Hines, D. A. (2017). Sexual minority college students' perceptions on dating violence and sexual assault. *Journal of counseling psychology*, 64(1), 112-119. <https://doi.org/10.1037/cou0000180>

Organização Mundial da Saúde (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência*. ISBN 978-92-75-71635-9

Organização Mundial de Saúde (2015). *Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências*. <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/181008/9789241509251-por.pdf?sequence=5&isAllowed=y>

Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202017000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200007)

Pengpid, S., & Peltzer, K. (2020). Associations of physical partner violence and sexual violence victimization on health risk behaviours and mental health among university students from 25 countries. *BMC public health*, 20(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09064-y>

Pereira, R. D. C. B. R., Loreto, M. D. D. S. D., Teixeira, K. M. D., & Sousa, J. M. M. D. (2013). O fenômeno da violência patrimonial contra a mulher: percepções das vítimas. <https://locus.ufv.br/handle/123456789/13801>

Souza, Tatiana Machiavelli Carmo, Pascoaletto, Tainara Evangelista, & Mendonça, Nayra Daniane. (2018). Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. *Revista Psicologia e Saúde*, 10(3), 31-43. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v10i3.695>

Teixeira, S. V. B., Moura, M. A. V., Silva, L. R. D., Queiroz, A. B. A., Souza, K. V. D., & Albuquerque, L. (2015). Violência perpetrada por parceiro íntimo à gestante: o ambiente à luz da teoria de Levine. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 49, 882-889. DOI: 10.1590/S0080-623420150000600002

Tsui, E. K., & Santamaria, E. K. (2015). Intimate Partner Violence Risk among Undergraduate Women from an Urban Commuter College: the Role of Navigating Off- and On-Campus Social Environments. *Journal of urban health: bulletin of the New York Academy of Medicine*, 92(3), 513-526. <https://doi.org/10.1007/s11524-014-9933-0>

Wolford-Clevenger, C., Elmquist, J., Brem, M., Zapor, H., & Stuart, G. L. (2015). Dating violence victimization, interpersonal needs, and suicidal ideation among college students. *Crisis*. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000353>

World Health Organization (2017). *Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates*. Geneva. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>